

Teoria do ser e “panenteísmo” na filosofia sistemático-estrutural

Leonardo Rodrigues Lopes ¹

Luiz Carlos Sureki ²

Resumo: Este artigo apresenta uma abordagem introdutória à Filosofia Estrutural-Sistemática de Lorenz Puntel por referência ao tema “Ser e Deus”. Este tema só pode ser tratado no âmbito universal do todo da realidade. Ao explicitar o Ser como um todo na sua bidimensionalidade constitutiva - uma dimensão absolutamente necessária e uma dimensão contingente -, procura-se, então, situar a questão de “Deus” na dimensão necessária do Ser. Primeiramente serão apresentadas as estruturas fundamentais da teoria filosófica, o quadro referencial teórico da filosofia sistemática. Em seguida, daremos atenção à tese da bidimensionalidade do Ser e à aplicação dos modais de necessidade, possibilidade e contingência com vistas a aclará-la. Finalmente, apresentamos a compreensão da relação “Ser e Deus”, o “panenteísmo” e o Ser primordial.

Palavras-chave: Filosofia Estrutural-Sistemática. Quadro Referencial Teórico. Teoria do Ser. Ser e Deus. “Panenteísmo”.

Abstract: This article presents an introductory approach to Lorenz Puntel's Structural-Systematic Philosophy by referring to the theme “Being and God”. This theme can only be dealt within in the universal scope of the whole of reality. By explaining the Being as a whole in its constitutive two-dimensionality - an

¹ Bacharel em Filosofia e mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE - Belo Horizonte - MG. E-mail: leorode@hotmail.com.

² Mestre em Teologia Fundamental e doutor em Teologia Sistemática pela Leopold-Franzens Universität – Innsbruck – AT, doutorando em Filosofia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – São Leopoldo – RS. E-mail: luizsureki@hotmail.com.

absolutely necessary dimension and a contingent dimension -, we seek, then, to place the question of "God" in the necessary dimension of Being. First, the fundamental structures of philosophical theory will be presented: the theoretical framework of systematic philosophy. Thereafter, we will pay attention to the thesis of the two-dimensionality of Being and to the application of the modals of necessity, possibility and contingency with the view to clarifying it. Finally, we will present the understanding of the relationship between "Being and God", the "panentheism" and the primordial Being.

Keywords: Structural-Systematic Philosophy. Theoretical Framework. Theory of Being. Being and God. "Panentheism".

Introdução

Na obra "Ser e Deus", Puntel defende a tese segundo a qual um tratamento filosófico adequado à questão de Deus só faz sentido, só é coerente e inteligível, quando situado "no quadro de uma concepção compreensiva abrangente da realidade, ou, em outros termos, no contexto universal do Ser como tal e em seu todo". (cf. PUNTEL, 2011, p. 27). Abstraindo ou negando uma teoria do Ser como tal e em seu todo, explicitamente proposta ou implicitamente pressuposta, a concepção de "Deus" acaba por tornar "Deus" como um algo qualquer, um X determinado, um ente entre os entes. Ainda que fosse "Deus" um ente supremo e primeiro (*summum esse*), que existisse ou subsistisse para além do mundo que conhecemos e separado dele, seria um "*Deus diminutus*", não o Deus criador do céu e da terra da compreensão religiosa das religiões monoteístas. (cf. PUNTEL, 2011, p. 27). Assim, Puntel explicita sua concepção de "Deus" desde o plano fundamental de uma teoria do Ser como tal e em seu todo. Isso significa que ele não parte de Deus (como se tal 'conceito' já fosse ou estivesse determinado) para se chegar no todo, mas sim que se desenvolve primeiramente uma concepção do todo para que então a pergunta por "Deus" seja filosoficamente, colocada, determinada e respondida.

O objetivo da obra "Ser e Deus" é especialmente o de oferecer e aclarar o quadro filosófico abrangente no qual uma teoria sobre Deus encontrasse seu lugar sistemático adequado. É no todo do Ser que a questão de "Deus" é tematizada. "Deus" será concebido como Ser absolutamente necessário, espiritual, livre e criador da dimensão contingente do Ser (o todo criado).

1. As estruturas fundamentais da teoria e a dimensão do Ser primordial

A teoria do Ser da Filosofia Estrutural-Sistemática se desenvolve desde uma determinação mínima da compreensão intransponível do "Ser" (PUNTEL, 2008, p. 550-551). "Ser" é concebido inicialmente como negação do nada e, em seguida, como a dimensão mais abrangente e original. Qualquer 'realidade'

que não o nada é. E qualquer realidade última, causa primeira, primeiro imóvel, espírito, ente supremo, matéria, processo, alteridade, etc., só faz sentido desde o pressuposto de que *seja* algo, ou que não seja 'nada', ou ainda, sob o pressuposto do Ser. Essa teoria do Ser é fundamentada no interior de um quadro referencial teórico elaborado semanticamente. Isto porque toda sentença teórica ou declarativa só é compreendida dentro de um contexto que a torna compreensível.

Ora, a filosofia é eminentemente uma atividade teórica de caráter universal. Se o quadro referencial teórico é o conjunto de todos os componentes pressupostos por uma teoria, segue-se que o quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática deve ser o mais abrangente ou o mais universal possível. Nesse sentido, a Filosofia Estrutural-Sistemática se propõe oferecer um tal quadro teórico. Só assim o Ser como tal e no seu todo pode ser nele explicitado. Com efeito, a concepção de Ser nessa filosofia abrange não só a dimensão chamada objetiva, isto é, do Ser objetivo (a totalidade dos entes), mas também a dimensão das estruturas (interconexão diferenciada e ordenada) ou "teórica". Ambas são dimensões do Ser. Por isso são compreendidas no âmbito universal da dimensão do Ser primordial ou dimensão do Ser *simpliciter*. (PUNTEL, 2015, p. 24).

A Filosofia Estrutural-Sistemática não é ou não se resume simplesmente numa teoria do Ser nem começa com a questão do Ser. Começa por elaborar as estruturas da linguagem, dentre as quais a estrutura ontológica do que é dado à teoria. A teoria do Ser só é desenvolvida no final da exposição global dessa filosofia. (PUNTEL, 2015, p. 21). Puntel apresenta inicialmente uma quase-definição da Filosofia Estrutural-Sistemática, ela "é a teoria das estruturas universais (mais gerais) do ilimitado universo do discurso." (PUNTEL, 2008, p. 33). Se trata de uma "quase-definição" porque não há como partir de uma definição sem ter antes explicitado o que é que está implícito ou envolvido numa definição. O ilimitado universo do discurso é a totalidade dos dados, e as estruturas universais o articulam. As estruturas são estruturas-dos-dados e os dados por sua vez são estruturados.

O quadro referencial teórico é composto por estruturas formais (lógicas e matemáticas) e semânticas, por um lado, e ontológicas, por outro, estruturas da linguagem e estrutura da realidade, respectivamente. As estruturas semânticas e ontológicas constituem dois lados da mesma moeda porque todo discurso é discurso sobre algo. A proposição verdadeira e o fato constituem uma unidade porque plenamente se identificam. (cf. PUNTEL, 2008, p. 309).

Puntel rejeita a linguagem natural com sua semântica composicional para o empreendimento filosófico. Segundo essa estrutura semântica, os componentes subsentenciais de um enunciado tem valor semântico considerados independentemente. (PUNTEL, 2008, p. 247). As sentenças com sujeito e predicado, como "A neve é branca" supõe que já se saiba o que significa "neve" para então fazer sentido/ter significado a sentença. Sentenças essas regidas pelo Princípio da Composicionalidade³ repousam numa ontologia da substância, que só parece

3 Formulação do Princípio de Composicionalidade: "O significado (ou o valor semântico) da sentença é uma função dos

inteligível, mas não é:

O problema que surge pela predicção no plano da linguagem predicativa de primeira ordem é que se atribui um predicado a uma entidade (sujeito ou substrato) que é sempre pressuposta. Ora, o ponto chave é que essa entidade não é inteligível, pois ela, em virtude do pressuposto estabelecido, tem que ser algo que como tal possibilite a predicção de todo tipo de universais (das propriedades e relações). Mas o que seria essa entidade pressuposta? Se abstraímos de todas as determinações que lhe possam ser atribuídas e de todas as entidades com as quais possa entrar em relação, (e podemos abstrair pois por hipótese se trata de uma entidade própria), o que resta dela? Uma entidade sem qualquer determinação, completamente vazia, não é, pois, inteligível e, por isso, tem que ser rejeitada. (HERRERO, 2012, p. 14).

Puntel propõe uma semântica contextual, baseada no Princípio do Contexto⁴ tomado em sentido forte, que só admite sentenças primas sem a estrutura sujeito-predicado (PUNTEL, 2008, p.265). O motivo, como dissemos é que as "sentenças com a estrutura "sujeito-predicado" possibilitam formular enunciados exclusivamente sobre entes, mas não sobre o Ser." (PUNTEL, 2015, p. 129). Sentenças primas expressam proposições primas. E proposições primas plenamente determinadas são idênticas a fatos primos.

A semântica contextual reelabora as sentenças com sujeito e predicado de modo que o que seriam sujeito e predicado são abreviações de sentenças primas. Por exemplo: "é o caso que a neve é branca". Esse "é o caso que... não é o sujeito "neve", mas a indicação não delimitada do irrestrito universo do discurso, do Ser, da dimensão absolutamente universal que é designada como *a dimensão primordial do Ser*. Tal dimensão não se limita ao Ser objetivo (ontologia), mas inclui e abarca os dois polos da relação sujeito x predicado. Assim, o uso do operador teórico de verdade "é o caso que *p*" mostra implicitamente a dimensão primordial do Ser. (HERRERO, 2012, p. 20-21; PUNTEL, 2011, p. 177-181).

Percebe-se igualmente que o espírito humano é intencionalmente coextensivo com o universo irrestrito do discurso ilimitado (*anima est quodammodo omnia*). (PUNTEL, 2015, p.108). Ao afirmar: "é o caso que a neve é branca" se coafirma implicitamente no operador teórico o todo da realidade em que nem tudo é "neve" e nem tudo é "branco". Não é o branco que define a neve, nem a neve que define o branco. Ambos são o que são, "neve" e "branco", num todo abrangente interconectado. A sentença que diz "é o caso que a neve é branca" alude a um fato na realidade entre inumeráveis outros fatos na e da realidade que a linguagem, com suas sentenças, expressa. Atinge-se a dimensão absolutamente universal do Ser primordial na medida em que se atenta para a/uma unidade primordial subjacente a todos os fatos primos, passando pelos indivíduos e domínios do Ser objetivo com suas interconexões possíveis e cada vez mais complexas até que chegue à *interconexão de todas as interconexões*: a dimensão fundamental/primordial que abrange a dimensão teórica (linguagem)

significados (ou dos valores semânticos) de seus componentes subsentenciais". (PUNTEL, 2008, p. 247; 257).

4 Formulação do Princípio: "Somente no contexto de uma sentença as palavras significam algo". (PUNTEL, 2008, p. 265).

e a dimensão do mundo (o "dado" articulado na e pela linguagem). (HERRERO, 2012, p. 21-22). Assim, essas duas "dimensões aparecem como as [dimensões] diferenciadas de *uma única* dimensão abrangente original ou primordial do Ser." (PUNTEL, 2011, p. 205). Esta dimensão, observa Puntel, não foi adequadamente articulada em toda a história da filosofia ocidental, com alguma exceção em Santo Tomás de Aquino e Martin Heidegger.

Essa dimensão absolutamente universal do Ser deve ser tomada como a dimensão do Ser *como tal e em seu todo*. (PUNTEL, 2011, p. 187). Se há algum lugar para se colocar com sentido a questão de "Deus" é no interior dessa dimensão primordial, explicitando-a. (PUNTEL, 2011, p. 198). É importante salientar que, como dimensão que abrange os polos e a relação entre "sujeito" e "predicado", uma consideração dessa dimensão original não pode adotar e seguir a mesma estrutura semântica dos enunciados composicionais (Cf. PUNTEL, 2011, p. 199), pois tudo o que se predica de Deus não esclarece nem determinada o sujeito (Deus) de quem está predicando (algo) a respeito dele.

A explicação ou explicitação (*explicatio*) da dimensão do Ser abrange dois aspectos do Ser: o Ser como tal e o Ser em seu todo. Herrero vai dizer:

Uma teoria do Ser só é adequada se for entendida nessa diferenciação e qualificação. Ser como tal porque se trata do tema absolutamente singular do Ser (e não dos entes nem do ente supremo). Ser em seu todo, porque o Ser como tal não é atingido quando se fica nele de modo abstrato, fazendo dele uma espécie de entidade platônica abstrata. Para isso, é necessário tematizar a relação Ser e entes. Porém, Ser em seu todo não é a totalidade extensiva ou soma dos entes, porque então ele seria um ente a mais. Ser em seu todo tem que ser entendido positivamente como Ser-em-sua-relação-com-os-entes, porque todo ente é uma determinada forma de tudo o que se chama "Ser". [...] Mas é claro que as duas qualificações (Ser como tal e Ser em seu todo) não podem ser separadas, porque Ser abrange tudo. (HERRERO, 2012, p. 23).

A explicação do Ser como tal consiste em indicar as características iminentes mais gerais do Ser (não dos *entes*). A primeira diz respeito à sua *inteligibilidade* universal. Afinal, só pode ser inteligível o "Ser", o que é. O nada, o não ser, não pode ser inteligível, a não ser relativamente (nunca absolutamente) em relação ao Ser. Compreendemos o que algo é por relação ao que ele não é, ou dito de outro modo, em relação ao não ser (uma) outra coisa/ente/dimensão, etc. Por isso, a segunda característica do Ser como tal é sua coerência, ou seja, é na relacionalidade, na interconectividade dos entes que cada ente é o que é. "*Estruturalidade* universal" é uma terceira característica decorrente das primeiras. Compreender, entender, etc., algo "significa apreender a interconexão e, desse modo, a *coerência*, na qual se encontra esse algo. Em suma, pode-se dizer que coerência é *sistematicidade*." (PUNTEL, 2011, p. 206) e *estruturalidade* universal. O Ser é a *estrutura de todas as estruturas*, sendo, o próprio Ser a mais original e mais abrangente delas. (PUNTEL, 2011, p. 206). *Expressabilidade* universal do Ser como tal é uma espécie de sinônimo decorrente da inteligibilidade e coerência universal. Afinal não é ou não seria inteligível o que não é ou não pode ser *expresso* coerentemente. Os clássicos "transcendentais do Ser"

ditos pela *unidade, verdade, bondade e beleza* podem ser sim admitidos nesta abordagem filosófica (PUNTEL, 2011, p. 205-207). O que, porém, nos interessa sobremaneira aqui é o Ser no seu todo.

2. Contingência, necessidade, possibilidade e relação na dimensão primordial do Ser

A explicação da dimensão do Ser em seu todo deve englobar a dimensão contingente do Ser na qual a totalidade dos entes “existem”. Trata-se da tematização da relação entre a dimensão necessária do Ser e a dimensão contingente do Ser. O Ser primordial aparecerá como comportando e conferindo inteligibilidade a essas duas dimensões.

As modalidades de necessidade, possibilidade e contingência são entendidas como qualificações de sentenças, mais do que à qualificação de coisas, e são a chave para explicar ou desmembrar o Ser em seu todo. A dimensão absolutamente universal do Ser será explicitada, conforme dissemos acima, como e na sua bidimensionalidade. Puntel procede à explicitação considerando que nem tudo (isto é, o Ser propriamente dito e em seu todo – incluídos todos os entes) é ou pode ser puramente contingente, de modo que é preciso admitir uma dimensão necessária do Ser. (2011, p. 214).

Para mostrar isso, o procedimento adotado visa refutar a tese (defendida por muitos) de que tudo, isto é, o Ser como tal e em seu todo, é contingente. A refutação consiste na análise lógica que, de modo indireto, reduz a tese da omnicontingência ao absurdo, seguindo ou lançando mão da figura lógico-argumentativa conhecida como *modus tollens*, e que diz o seguinte: se p , então q ; ora, não q , então, não p . Tal argumento “articula um estado de coisas extremamente abstrato e maximamente universal. [...], sem estabelecer quaisquer pressupostos em nenhum domínio “concreto” ou relativamente a espaço e tempo e similares.” (PUNTEL, 2011, p. 214). O contra-argumento elabora uma consequência absolutamente fundamental e abrangente que é acarretada pelo sem-sentido da tese segundo a qual tudo é contingente, porque o resultado/consequência lógica da mesma é a de nada absoluto é possível. (Ibid., p. 214). A formulação tem a seguinte estrutura:

Se tudo fosse contingente, então o nada absoluto seria *possível*; ora, o nada absoluto não é *possível*; logo, nem tudo é contingente. E se entre contingência e necessidade não pode haver um terceiro termo, segue-se quem nem tudo é contingente e que, conseqüentemente, uma dimensão necessária do Ser deve ser aceita. (PUNTEL, 2008, p.593).

A primeira premissa traz consigo uma implicação: “Se tudo fosse contingente, então o nada absoluto seria *possível*.” Muitos se perguntariam: por que o nada absoluto tem que ser aferido da tese de que tudo é contingente? A resposta é simples: porque é constitutivo do que é contingente o não ser por si mesmo! Daí se segue, conseqüentemente, que o que não é por si mesmo deve seu ser/existir a outro. E esse outro *não pode* ser o nada, pois do nada nada pode

vir a ser, entende-se que o nada não é possível. O modal de *possibilidade* não se aplica ao nada! Tudo o que é possível de ser ou de vir a ser reclama um ser-possível anterior que não o nada, pois ausência de ser equivale à ausência de possibilidade(s). Se absolutamente tudo fosse contingente, não haveria sequer o conceito de contingente!

A segunda premissa “o nada absoluto não é *possível*” pode se fundamentar em pelo menos três razões. 1- O “conceito” de nada absoluto é autocontraditório, um pseudoconceito. Não seria possível pensá-lo, pois se fosse possível pensá-lo, o que se pensa já não seria o nada! Se estaria atribuindo a ele justamente aquilo que ele exclui. 2- O conceito de “*possibilidade* do nada absoluto” é autocontraditório, pois possibilidade é sempre possibilidade-de-Ser. Por isso, é contraditório falar em uma possibilidade-de-Ser desde o nada absoluto ao qual falta justamente o “ser”. 3- “Se a tese de que tudo é contingente implica a assunção da *possibilidade* do nada absoluto, então ela implica igualmente a assunção *subsequente* de que os entes todos nessa dimensão total contingente, “ingressaram” ou “passaram a ser” do *nada absoluto* para a dimensão do Ser.” (PUNTEL, 2011, p. 217). Já que há coisas existentes (entes), elas teriam vindo a ser o que são desde o nada absoluto. Esta cogitada possibilidade de (algo) vir a ser desde o nada é absurda, porque não é *possível*, e, portanto, é inadmissível. Do nada absoluto não devém nada. (PUNTEL, 2011, p. 217).

E porque a tese da contingência de tudo (omnicontingência) implica logicamente uma consequência absurda, infere-se que nem tudo é contingente, pois, repita-se uma vez mais, o contingente não é possível por si mesmo! Há, poia, uma dimensão do Ser que não é contingente, e que, portanto, é necessária. Não é preciso agora ir depressa demais e já dizer que a dimensão necessária do Ser é (o) Deus das religiões monoteístas! Isso poderia soar como uma filosofia pensada com vistas a justificar uma crença religiosa que, diga-se de passagem, não é compartilhada pela grande maioria das religiões e tradições religiosas no mundo! O fenômeno religioso universal não se reduz às concepções “teístas” nem às monoteístas das religiões abraâmicas! A filosofia não é “*ancilla theologiae*”.

A dimensão universal, concebida ou explicitada de modo mais determinado, manifesta a sua bidimensionalidade constituída pela dimensão necessária e pela dimensão contingente. Uma vez que esta última só pode ser entendida como subordinada àquela, por não ter em si e por si mesma a razão de ser, chega-se, então, à ideia de criação. (PUNTEL, 2011, p. 218). O conceito de “criação” da dimensão contingente pela dimensão necessária não deve, sem mais e apressadamente, ser atribuída a Deus, porque o conceito “Deus” (quer seja como criador, quer não) não advém do repertório filosófico, mas do religioso, especialmente do monoteísmo.

3. Ser e Deus – “panenteísmo” e criação

Puntel indica dois aspectos do tratamento tradicional da questão de Deus na filosofia do ocidente cristão, que ele, aliás, afirma não seguir. Numa via ascensional, 1- “parte[-se] de um determinado fenômeno do mundo para, então,

transcender esse fenômeno com objetivo de alcançar, indutivamente, um 'ponto supremo', logo identificado com Deus, e, 2- os conceitos usados nos enunciados sobre os "estados de coisas metafísicos" são obtidos primeiramente no domínio do finito e depois transpostos para a "dimensão metafísica" por vias de um procedimento analógico. Só analogicamente certos enunciados podem ser predicados de "Deus". Estes dois aspectos, segundo ele, mostram que Deus é concebido ou tematizado como um *X meta-físico*, isto é, um ser-além. (PUNTEL, 2011, p. 219).

Puntel, de sua parte, procura mostrar que a concepção sustentada por ele na obra "Ser e Deus" não parte de um fenômeno do mundo nem parte de um exame da dimensão absolutamente universal do Ser de modo tal que suas determinações pudessem ser *derivadas* dela de algum modo puramente abstrato para atender (ou eventualmente não contrariar) aos dogmas do cristianismo ou de uma concepção religiosa (mono)teísta. O ponto de partida é a dimensão absolutamente universal do Ser (sendo o conceito de "Ser" o mais universal e intransponível) na sua bidimensionalidade. A próxima tarefa da Filosofia Estrutural-Sistemática é a explicação dessa bidimensionalidade. (PUNTEL, 2011, p. 219). Não vamos aqui expor todos os desdobramentos da dimensão necessária do Ser, mas apenas assinalar nela o lugar sistemático da pergunta por "Deus" que a filosofia tradicional da religião praticamente confundiu ou a tratou por relação, quase que exclusivamente, à religião cristã (cf. PUNTEL, 2011, p. 237).

Puntel não admite que seja compreensível um "ser-além/ou aquém-do-Ser", pois ambas as expressões nada significam em concreto. "Deus" além do Ser é sinônimo de "nada", e aquém do Ser é/seria menos que qualquer ente. O "Ser" se impõe como pressuposto para que qualquer enunciado teórico tenha algum sentido, seja inteligível, seja compreensível. Mencionamos isso porque o confronto de Puntel com E. Lévinas e J-L. Marion, no seu livro "Ser e Deus", só entende na medida em que os enunciados teóricos sobre Deus feitos por estes autores tenham algum conteúdo. "Para além do Ser" ou "de outro modo que Ser" (Lévinas) e "Deus sem o Ser" ou "aquém do Ser" (Marion) parecem, em princípio belos discursos, que respondem à crítica de Heidegger da "ontoteologia" em que havia ficado presa a reflexão filosófica metafísica ocidental. No entanto, considerados esses discursos com atenção e rigor analítico, eles se revelam obscuros, confusos e até contraditórios. No caso de "Deus eles não possuem conteúdo, porque "Deus" *não é o esse plenum*. Com efeito, o "além do ser" (ou de outro modo que ser) não pode ser do mesmo modo; e o "aquém do ser" (ou sem o ser) é equiparável a nada! Se um tal discurso encontra acolhida no campo da teologia, certamente dificilmente ser este o caso no campo da filosofia!

É preciso que tentemos esclarecer agora que significado adequado poderia ter aqui o termo "panenteísmo"⁵. Certamente tal termo não se refere a "Deus além", nem "aquém" ou "sem o Ser", mas tampouco alude a uma identificação de Deus com o Ser, com o todo da realidade (panteísmo). Puntel, nos seus escritos, procura evitar o uso frequente desse termo. Não porque não o veja como um termo apropriado para dizer a relação de Deus – como a dimensão absolu-

5 O termo "panenteísmo" foi criado por Karl Christian Friedrich Krause, por volta de 1824, para designar a sua doutrina

tamente necessária do Ser explicitada com Ser necessário, espiritual, livre, criador da dimensão contingente do Ser - com a dimensão contingente do Ser, mas porque o considera como um "termo da moda", que parece quase magicamente explicar tudo sem esclarecer os pressupostos, sem se ter antes elaborado uma teoria do Ser como um todo.

Com efeito, ao comentar as cinco vias para se chegar a Deus, Tomás de Aquino procedeu desde fenômenos singulares no mundo, e inferiu, um tanto apressadamente, a conclusão:

essas vias/provas se revelam como totalmente insuficientes e inadequadas porque se baseiam em um "fenômeno" único e bem determinado no mundo; elas dizem respeito, por conseguinte, apenas a um segmento ou a uma parte do mundo ou do universo ou do Ser em seu todo. O mundo como um todo, o universo, o Ser em seu todo absolutamente não são considerados como tais, não são tematizados (PUNTEL, 2011, p. 55).

De fato, tais vias se baseiam em um único e bem determinado fenômeno no mundo: o movimento, a causalidade, a contingência, os graus de ser e a ordem realizadas no mundo, ao que, em geral, se passa à sua consideração desde o plano metafísico⁶ e faz-se um movimento do efeito à causa chegando ao primeiro motor imóvel, à causa eficiente primeira, ao necessário por si mesmo, à causa das perfeições e à inteligência ordenadora. O ponto relevante aqui é que não é suficiente uma universalização ao nível do ente finito com sua referência ao *actus essendi*⁷ ou ao *esse commune* tomasiano (que transcende às determinações dos entes), mas precisa ser universalizável à própria concepção de Ser de Puntel.

Para se pensar adequadamente a relação entre a dimensão do Ser criador e a dimensão contingente criado o "ponto de partida" de tal relação deve ser buscada no interior o Ser primordial. Assim,

a dimensão original universal do Ser, explicitada como a-dimensão-absolutamente-necessária-do-Ser-como-criador-da-dimensão-contingente-do-Ser, deve-se dizer que ela será corretamente pensada somente quando não se puder mais falar de algo assim como um exterior/outro, nem mesmo de forma negativa. (PUNTEL, 2011, p. 244).

A dimensão do Ser primordial é entendida em sua dimensão necessária como "contendo" a dimensão contingente:

a dimensão absolutamente necessária do Ser e a dimensão contingente do Ser não devem ser concebidas, no sentido habitual, como duas "sub-dimensões" de uma dimensão mais original. Elas constituem, antes, a dimensão original do próprio Ser *explicitada*, a qual justamente se revela primeiro como bidimensionalidade do Ser, em seguida como dimensão livre (pessoal) absolutamente necessária do Ser, a qual cria e, em con-

caracterizada como uma síntese entre o teísmo e o panteísmo. (FERRATER MORA, 2004).

6 A quinta via é, a esse respeito, ao menos explicitamente, a (uma) exceção.

7 "A dimensão do Ser ou o Ser primordial *não* é idêntica ao *esse* como o *actus essendi* tomasiano." (PUNTEL, 2011, p. 241).

sequência, "contém" a dimensão contingente do Ser. (PUNTEL, 2011, p. 244).

Portanto,

a transcendência de Deus relativamente aos entes contingentes acontece *em Deus mesmo*, como seu próprio "evento" que acontece a partir de sua própria liberdade. Ao pôr os entes contingentes no Ser com sua ação criadora, Deus cria dentro de si uma 'sub-divisão' [Unter-Schied] em relação a si mesmo, que chamamos de transcendência" (PUNTEL, 2011, p. 244).

Deus, por conseguinte, é distinto do mundo e transcendente ao mundo, mas o mundo está *em Deus*, e não "fora" dele. Esta é a ideia geral do *panenteísmo*. Para Puntel, a transcendência e a imanência estão em uma proporção direta e não inversa, como algumas correntes teológicas ainda afirmam.

Puntel também rejeita a conexão entre a ideia de causalidade e a ideia de criação. Ele afirma como unicamente relevante para a compreensão e a apreciação da ideia metafísica de criação a ideia de "produção-geração (de um ente) a partir do não Ser (a partir da não existência) desse ente e isto sem um 'substrato' (no sentido de material-base) que lhe serve de base ou que é pressuposto (*productio entis ex nihilo sui et subiecti*)". Não, porém, a subsunção da ideia de criação sob a categoria da causalidade. (PUNTEL, 2011, p. 230).

Na explicação sistemática da sua ideia de criação Puntel assim a define: "criação é o pôr-no-Ser visando à dimensão contingente do Ser, e isto, sem que coisa nenhuma (de que espécie for) seja pressuposta". (PUNTEL, 2011, p. 231). Tal definição não supõe necessariamente a ideia de causa. Entretanto, fica por explicar como pode um "pôr-no-Ser" ser entendido senão como causação. A concepção da criação sem a determinação da causalidade torna a criação algo único, não condicionado pela explicação analógica (as 'criações' humanas). Algo semelhante ocorre com a concepção *panenteísta* do Ser em sua bidimensionalidade, sem confundir as dimensões do Ser. Uma, a dimensão necessária, que abrange, abarca e perpassa toda a dimensão contingente do Ser (criado) pode, com efeito, ser expressa pelo termo "pan- en-teísmo".

Considerações finais

Apresentamos, ainda que de maneira sucinta e resumida, como Puntel, tomando aportes valiosos da grande tradição filosófica ocidental e da corrente analítica da filosofia propõe com originalidade uma teoria do Ser capaz de articular o todo da realidade de modo que questões filosóficas fundamentais, como é o caso da questão de Deus em filosofia, encontrem seu adequado lugar sistemático. A *teoria* que ele oferece sublinha a fundamental importância do enquadramento teórico, ou seja, do quadro referencial teórico que utilizamos com sua abrangência e limites. Um dos grandes problemas para uma teoria consiste na falta de inteligibilidade de seus enunciados na língua natural com a sua estrutura composicional (S é P). Era, necessário, pois enfrentar o problema semântico e

elaborar para uma teoria apropriada aos propósitos da filosofia, empreendendo este que Puntel levou a cabo reformulando o princípio do contexto, chegando às sentenças primas.

Mostrou-se, em linhas gerais, que a noção primordial de Ser proposta por Puntel se distingue pela máxima generalidade ou universalidade de sua expressibilidade no discurso teórico, de modo que nesse discurso o todo da dimensão contingente do Ser, bem como o todo da dimensão necessária do Ser, encontram seu "lugar" sistemático em constitutiva interação. A bidimensionalidade do Ser como um todo não é algo estranho à teologia. O estranho é que a ciência teológica não tenha questionado a falta de inteligibilidade dos seus enunciados respectivos à relação Deus e o Mundo. A filosofia ocidental, por sua vez, muito falou de/sobre Deus, mas não tanto de Deus como Criador. A noção bíblica de criação não é (ou não era) compatível com a ideia de causalidade (no sentido de que o efeito causado traz ou deveria trazer consigo a natureza da causa ou do causante). O todo criado por Deus ("criação") não é Deus (Criador).

Fica claro também que o todo da dimensão contingente criada por Deus não é sinônimo de que os entes que nela surgiram, surgem ou surgirão, tenham o mesmo estatuto de *criados* por Deus! Tais entes podem ter vindo a ser/surgido na dimensão contingente por evolução e por causas diversas. Certamente, também o tema da transcendência de Deus, por referência ao "panenteísmo", merece ser aprofundado futuramente.

Enfim, a concepção de "Ser" de Puntel aparece no atual cenário filosófico como um aporte valioso para o futuro desenvolvimento de novas teorias respectivamente às áreas/disciplinas sistemáticas da filosofia, como a metafísica propriamente dita, a antropologia, a filosofia da religião, a teoria do conhecimento, a ética, a natureza.

Referências

HERRERO, F. Javier. O desafio que a teoria sistemático-estrutural de Puntel coloca à filosofia atual. In: *Kriterion*. Belo Horizonte, nº 125, Jun./2012, p. 7-27.

PUNTEL, Lorenz B. *A filosofia como discurso sistemático*. Diálogos com Emmanuel Tourpe sobre os fundamentos de uma teoria dos entes, do Ser e do Absoluto. São Leopoldo: Unisinos, 2015.

PUNTEL, Lorenz B. *Estrutura e ser: Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

PUNTEL, Lorenz B. *Ser e Deus: Um enfoque sistemático em confronto com Heidegger, Lévinas e Marion*. São Leopoldo: Unisinos, 2011.